

Seminário de Filosofia. São Paulo, 7 de fevereiro de 2007¹

Olavo de Carvalho

Eu nem entendo como neste ambiente miserável do Brasil vocês ainda têm a cara-de-pau de continuar estudando essas coisas. Eu mesmo já teria desistido porque aí no Brasil a cada vez que lemos jornal o nosso QI baixa dois pontos. Não é todo ambiente social que possibilita certos tipos de estudos e nenhum de nós é imune a atmosfera social em torno. Eu vejo uma deteriorização muito profunda pela correspondência que mantenho com amigos brasileiros, pela quantidade de e-mails que recebo e conversas que freqüentemente tenho com o pessoal que está aí. Não só do ambiente político, o que em si não seria um problema, mas do ambiente humano, e como a vida intelectual se alimenta do ambiente humano em torno, o perigo que vocês correm é de gradativamente perder a gasolina, a não ser que vocês aprendam a se apoiar no próprio estudo como uma espécie de barreira contra a degradação em torno. O Brasil está chegando ao ponto de uma deteriorização moral tão grande que não vejo nenhum paralelo na História. Nada que se pareça com isso se pode observar. Esses cinqüenta mil homicídios anuais no Brasil foram aumentados diretamente pelas FARC enquanto as supostas autoridades, as Forças Armadas e todas as pessoas que deveriam representar – e teoricamente representam – isso, a ordem pública continua fingindo que não está acontecendo nada e que o nosso problema é o desenvolvimento econômico. Isso é uma coisa de um cinismo, uma baixeza, uma covardia que nunca aconteceu no mundo. Por um lado, isso é uma degradação doentia que entra dentro da alma do indivíduo, o deteriora e pode torná-lo inapto para estudos superiores. Por outro lado, esses estudos podem ser a barreira defensiva contra isso desde que não estejam atrelados à idéia de uma carreira, de um indivíduo que espere uma carreira universitária no Brasil. Só de ter essa idéia ele já estragou oitenta por cento das suas capacidades. A vida intelectual no Brasil deve ser seguida apenas pela salvação da alma, sem nenhum objetivo secundário, externo. Pode acidentalmente haver um objetivo externo desde que ele não pese, não tenha exigências próprias, mas isso é impossível porque qualquer carreira profissional tem exigências que comerão seu tempo, suas energias etc. Eu digo isso em parte também porque como ao longo do tempo estive dando inumeráveis cursos e escrevendo muitas coisas, de vez em quando penso em como deveria articular, transformar esse conjunto em livros, e várias ordens possíveis vão me ocorrendo. Muitas coisas que anuncio como títulos de livros são apenas uma ordem articuladora possível que eu estou pensando naquele momento. Como nesse ínterim, enquanto estamos pensando em escrever aquilo, querendo falar e rever outras coisas, várias dessas ordens já se dissolveram e se mostraram utópicas. Quando tive o projeto de escrever um livro chamado O Olho do Sol, acabei vendo que esse livro teria umas cinco mil páginas se fosse para juntar tudo aquilo que era pertinente ao assunto. Mas eu também não ligo muito para esse negócio de livros. O que importa é você passar a mensagem, não é a obra escrita que interessa. A obra escrita é apenas uma documentação da mensagem. Mas ao longo do tempo, tentando várias ordens possíveis, um dia encontrei o livro do René Girard chamado Um Longo Argumento do Princípio ao Fim e aquilo me sugeriu que a ordem mais lógica para o que eu escrevia era a cronológica. O conjunto não era um longo argumento do princípio ao fim, mas uma longa investigação do princípio ao fim. Eu poderia dar uma unidade a todos esses cursos, escritos, inclusive artigos de jornal como reflexo não só de um trajeto autobiográfico mas de uma investigação que gradativamente vai elucidando uma série de coisas. Toda a minha vida não foi senão uma série de tentativas de elucidar certos problemas dentro dos quais muitas pessoas vivem sem sequer percebê-los, mas que para mim apareceram sob a forma de problemas. Ortega y Gasset dizia que problema é a consciência de uma contradição. A marca do estudo filosófico é perceber as contradições dentro da própria realidade, da própria estrutura da experiência, não apenas das contradições verbais. Contradições verbais até um macaco percebe. Muito do que as pessoas imaginam por “pensar” consiste apenas em captar contradições

¹ Transcrição por Leilah Carvalho. Sem revisão do professor.

lógicas aparentes em discursos e criar alguma encrenca a partir daquilo. Não é disso que estou falando. Estou falando de perceber contradições dentro da própria experiência, o que pressupõe que você tenha o registro e a memória viva da sua experiência e que você esteja continuamente voltando àquilo, reexaminando, tentando encontrar um padrão de unidade e coerência por trás daquilo. Como essa longa investigação do princípio ao fim só chegará ao fim quando eu fizer a amabilidade de falecer, evidentemente isso não tem uma unidade exceto no sentido de unidade direcional, ou seja, eu estou indo para um certo lado ou pelo menos parece que estou indo para lá. Esse conjunto de investigações está me levando gradativamente a consolidar algumas conclusões. Eu nunca esperei consolidar conclusões antes dos sessenta anos, onde estou chegando agora, e de fato algumas conclusões vão se estabilizando por impossibilidade de mudá-las. Você continua virando e sempre cai no mesmo ponto. Os temas dessas investigações são inúmeros mas no fundo estão todos articulados.

Um dos temas principais no qual estou pensando há pelo menos trinta anos é o seguinte: quando você lê jornal ou ouve debates intelectuais no Brasil, você nota que onde surge esse problema de “religião e ciência” (entre aspas porque as fronteiras entre esses dois domínios não são tão nítidas quanto a mídia popular sugere), as definições subjacentes são estereotipadas e podem ser aceitas por um garoto de ginásio, mas que um estudioso sério não pode pensar de maneira alguma. Nesse sentido, a ciência seria o conhecimento experimental da realidade física (acessível aos cinco sentidos) e as religiões seriam corpos de crenças. Se examinarmos essas duas definições veremos que as duas têm problemas cabeludos. Em primeiro lugar, definir a ciência do mundo material (conhecimento experimental) pressupõe que você conheça o mundo material não só pela sua aparência, pelo fato de que você o conhece através dos cinco sentidos, mas que você saiba algo a respeito da constituição objetiva deste mundo e que também saiba precisamente o que é matéria. Esses dois pressupostos são falsos: ninguém sabe exatamente o que é matéria e muito menos qual é a forma do mundo material, de modo que a definição popular de ciência que se usa em debates públicos já é mentirosa. Em debates públicos não é só “blá-blá-blá” mas também abrange decisões de ordem tomadas quanto a educação e ensino e também de ordem legal ligadas a direitos, deveres e a conduta diária das pessoas, como a proibição legislativa do fumo em certos lugares. Essa proibição é baseada numa certeza que o governo diz ser científica. Quase todas essas certezas não existem. Quando o governo torna uma vacina obrigatória ou proíbe o anúncio de certas comidas para evitar que as crianças fiquem obesas e morram, como aconteceu na Inglaterra – tudo isso é baseado em crenças populares a respeito do que seja ciência. Todas essas crenças são superticiosas. É macumba pura e simples; não tem nada a ver com ciência no sentido efetivo da coisa. Por outro lado, as definições usadas contra a religião também são mais ou menos a mesma coisa. Quando você diz que o estado leigo não pode tomar partido dessa ou daquela religião, que o estado tem de ser neutro com relação às religiões porque elas são sistemas de crenças e a crenças são livres, mas nenhuma delas pode aspirar uma autoridade pública, o que se sunbetende aí é uma das coisas mais esquisitas que eu já vi: o esquecimento de que toda crença se refere a algum objeto. Dizer que uma religião é um corpo de crenças é o mesmo que definir a religião pelos fundamentos subjetivos que justificam aos olhos dos crentes o conteúdo da crença. Mas esses fundamentos objetivos são uma coisa; o assunto da crença é outra completamente diferente. Se eu acredito em milagres, por exemplo, que Deus pode interferir em certas circunstâncias da vida para atender a um pedido humano, eu posso encarar isso por dois lados: primeiro porquê eu creio nisso; segundo, o problema objetivo de saber se Deus pode realmente fazer isso. O milagre, quer ele exista, quer não exista, ele em si não é uma crença. A crença é o fato de você acreditar no milagre. O fato existente ou inexistente objetivo do milagre é uma questão que não tem nada a ver com crença. Se você define as religiões como crenças, você está abstraindo todos os objetos dos quais essa crença acredita. Isso falsifica totalmente qualquer discussão possível. Isso acontece porque o estado leigo moderno se auto-define como não-religioso, que não está vinculado, não tem uma religião oficial e também não apóia nenhuma religião em particular. À medida em que ele faz isso, ele coloca as religiões entre parênteses e as iguala a todas as outras como se todas fossem iguais, pouco se importando com a existência ou

inexistência dos seus objetos respectivos. Isso quer dizer que pouco importa você acreditar no existente ou inexistente; trata-se de religião no mesmo sentido. Só essas poucas observações já bastam para você notar que toda discussão pública sobre “religião e ciência” é de uma estupidez fora do comum e de um nível ginasiano. E o fato de que órgãos de imprensa ou até políticos, governantes falem dessas coisas como se estivessem falando com autoridade é realmente um crime. Uma publicação que gosta muito de dar palpites nesses assuntos sempre com aquele ar de que domina o assunto é a revista *Veja*. Muitas outras também fazem a mesma coisa, como a *Superinteressante*, *Isto É* porque abordam os problemas do nosso tempo desde o ponto de vista de que a ciência é o conhecimento objetivo do mundo material e as religiões, corpos de crenças. Qualquer sujeito que escreva baseado nesse pressuposto é um charlatão perigoso, independentemente da posição que ele tome nesse “debate” (entre aspas porque na verdade não há debate nenhum).

Essa minha investigação não foi iniciada de um modo acadêmico ou para que eu ganhasse um cargo numa universidade, mas para saber no quê eu pessoalmente deveria acreditar. Se o sujeito não está filosofando por isto, não está filosofando de maneira alguma, está apenas imitando a filosofia. O grande risco da profissão universitária é que ela coloca motivos secundário e adventícios para a sua vida intelectual e faz com que você perca de vista o objetivo principal da filosofia, que é decidir no quê realmente você vai acreditar. Se a filosofia não tem essa importância pessoal, você pode até chegar em várias conclusões mas no fundo não vai acreditar em nenhuma delas. Nenhuma delas te comprometerão moralmente de maneira alguma. Mas se elas não te comprometem, quer dizer que não têm importância. No fim isso tudo vira uma futilidade fora do comum. O fato de que dois ou três filósofos consigam exercer uma profissão universitária e ainda assim manter o espírito verdadeiro da filosofia – busca da sabedoria, busca da verdade – é uma exceção e não é possível em qualquer lugar. Só é possível em lugares onde a ausência de pressões profissionais, de exigências burocráticas ou de pressão ideológica cria um espaço suficiente para isso. Alguns filósofos conseguiram isso. Eric Voegelin, ao chegar nos Estados Unidos, escolheu a Universidade de Louisiana por estar localizada no interior, fora do circuito importante das grandes universidades porque pensou que ali ele teria liberdade, que o deixariam prosseguir a sua vida intelectual de acordo com a dinâmica da sua investigação interna sem precisar ceder a exigências curriculares, burocrática ou, pior ainda, ideológicas. De fato, ele tinha razão. Na Universidade de Louisiana ele teve toda a liberdade de empreender a sua investigação do seu jeito. Quando René Girard esteve no Brasil e eu conversei com ele, ele me disse claramente que se estivesse na França, não teria conseguido realizar nada da obra dele. Tudo o que ele fez na vida só foi possível porque ele estava numa universidade americana, onde respeitavam o seu terreno pessoal. Ninguém pode negar que a obra de Girard é a resposta a preocupações pessoais verdadeiras, autênticas, sinceras. Mas em outros casos isso já não foi possível. Se você pegar toda a obra de Javier Sulville, por exemplo, verá que ele passou a vida fora da universidade. Ele passou a vida dando cursos privados em sua própria casa. Na Universidade de Madrid, onde ele havia começado, houve um período de florescimento anterior à guerra civil. Mas a partir da guerra civil já entra, por um lado, a interferência do governo franquista e, por outro lado, as pressões ideológicas dos movimentos de oposição ao governo. Então Javier Sulville achou melhor ficar longe de tudo isso porque dentro do ambiente universitário jamais teria podido fazer o que fez. Outros têm mais sorte, como o próprio Eric Voegelin ou Bernard Lonergan. Em alguns casos, você vê que o indivíduo trabalhando dentro do meio universitário, aquele meio só não lhe basta, ele precisa de outros terrenos, como aconteceu com Eugen Rosenstock. Uma boa parte da obra dele não foi desenvolvida dentro de uma universidade mas foi ligada a certos movimentos sociais onde ele podia realizar os experimentos sociológicos que lhe pareciam adequados. Mas eu estou falando do ambiente universitário americano e canadense, que é bem parecido com o americano. Hoje em dia não sei se haveria condição de aparecer um Eric Voegelin ou um Bernard Lonergan, nem mesmo numa universidade americana.

Voltando ao fio da meada, uma das questões que me assediaram o espírito foi: qual é o objeto das religiões? Essas crenças vieram a respeito de quê? Mais ainda, qual é o estatuto objetivo deste objeto? Uma coisa é crer em estruturas simbólicas que você mesmo inventou, que foram de invenção cultural humana; outra coisa é o objeto, o dado da realidade no qual essas construções se baseiam. Por exemplo, se você pegar a ressurreição de Jesus, uma coisa é você acreditar nela, outra coisa é ela ter acontecido efetivamente. Nós recebemos o relato evangélico de pessoal que estiveram lá e viram a ressurreição acontecer. Elas têm um fato na mão. Esse fato pode ser explicado de muitas maneiras diferentes, e o conjunto das explicações constituem a doutrina, e a doutrina, sim, é o objeto de crença. Mas é evidente que estudar as crenças é diferente de estudar o fato em si. Nas discussões atuais, todo o lado objetivo das religiões é omitido e elas passam a ser tratadas apenas como imensas construções doutrinárias e simbólicas que são produtos culturais inventados pelo ser humano, como se cria peça de teatro, um poema ou um sonho, independentes a quaisquer dados objetivos. Ora, se as religiões fossem efetivamente isso, você estaria diante de um fenômeno incrível porque você veria comunidades humanas de bilhões de pessoas ao longo do tempo e inventaria uma série de historinhas a partir de nenhuma experiência do mundo objetivo. E, em seguida organizaria a partir dessa mitologia as suas vidas, as suas leis, o estado, a economia, a conduta individual etc. e conseguiria sobreviver depois desse processo organizatório absolutamente fantástico. Os indivíduos que acreditam que as religiões são corpos de crenças estão obrigados a nos explicar como isso pôde funcionar durante tanto tempo sem levar a humanidade a resultados desastrosos. Partindo do princípio de que se você organiza as ações humanas independentemente de qualquer referência a estrutura do mundo objetivo, você vai dar com os burros n'água. Como as religiões puderam ter essa eficácia não só no sentido de organizar uma sociedade mas também de organizar as relações da sociedade com o meio físico em torno durante tantos milênios se elas são apenas invenções? Aí seria mais ou menos uma espécie de círculo vicioso. A religião inventa a si mesma e a partir dessa invenção ela estrutura todo o mundo cultural, social e psicológico em torno e por incrível que pareça chega um momento em que essa imensa construção subjetiva reflui sobre o mundo objetivo ajudando os seres humanos a organizar as suas ações perante o mundo material de uma maneira relativamente bem sucedida. Essa seria a primeira pergunta. A segunda pergunta é que se as religiões são apenas corpos de crenças, evidentemente o número dessas crenças possíveis é tão grande quanto o número das cabeças humanas. Qualquer sujeito que inventasse um conjunto simbólico qualquer e com base nisso criasse preceitos de conduta, conseguiria arrebanhar diante de si um certo número de fiéis e as religiões proliferariam como sapos ou coelhos. E de fato isso não acontece. As religiões têm uma estabilidade imensa ao longo dos tempos. Malgrado as suas variações internas, malgrado o número de dissensões e o número de heresias que aparecem dentro de cada uma, as religiões principais se estabilizam e duram milênios. É claro que também partindo do princípio de que as religiões são apenas corpos de crenças e de que o objeto delas não tem importância nenhuma, toda e qualquer comparação entre as religiões seria apenas a comparação entre produtos culturais. Não haveria nesse sentido nenhuma possibilidade de você tomar partido na discussão entre uma e outra religião para saber qual das duas tem razão e qual das duas captou melhor o objeto porque se o objeto não existe, você pode inventar qualquer coisa a respeito dele. A perspectiva de religião como crença e a ciência como conhecimento objetivo do mundo chega a absurdidades intoleráveis. E no entanto essa bobagem continua sendo a base de toda discussão pública.

O mais incrível é que até um tempo atrás você tinha entre os estudiosos universitários a consciência das dificuldades inerentes à própria definição de ciência, à própria delimitação do que é o terreno da ciência, e com relação à religião a mesma coisa. Mas hoje em dia parece que o nível da discussão acadêmica é mais ou menos o mesmo que na mídia popular. Quando você vê as idéias de Richard Dawkins ou de Daniel Dennett, que escrevem contra a religião, você nota que as idéias que têm sobre a religião é realmente pueril e que vários estudiosos universitários os acompanham nisso aí. Isso assinala um decréscimo da inteligência humana que chega a ser alarmante. Se uma coisa é certa é que a sobrevivência da humanidade

nesse planeta, as possibilidades de você poder organizar a sociedade de uma maneira mais ou menos funcional depende da inteligência humana. E se essa inteligência decresce de uma maneira tão assustadora começa a ficar arriscado porque as decisões públicas começam a se basear também em história da carochinha. Então, justamente no momento em que as pessoas estão fazendo a apoteose do conhecimento objetivo do mundo, elas já não têm conhecimento objetivo nenhum, e praticamente qualquer governante pode decretar qualquer coisa. Mais ainda, o que torna esse panorãma ainda mais confuso é o fato de que nos últimos cinqüenta anos inventaram novos processos legislativos que permitem a um pequeno grupo, desde que tenha dinheiro, implantar as suas idéias publicamente sem passar por nenhuma discussão pública mais séria. O que se vê agora, por exemplo, com o aquecimento global (nós particularmente estamos sofrendo com as conseqüências do aquecimento global porque aqui nos Estados Unidos faz dez graus abaixo de zero e já estamos todos congelados) é que por uma coincidência, no mesmo instante em que a comissão internacional publicava que o aquecimento global é definitivamente verdade e quem quer que não tome as providências que eles querem é um criminoso, você tem a maior onda de frio da história americana, e as pessoas não relacionam uma coisa a outra. Se o aquecimento está catastrófico, como você explica tanto frio? E o pessoal também não lembra que trinta anos antes de lançarem o aquecimento global, já haviam lançado o congelamento global. Como o congelamento não pegou, lançaram o aquecimento. Tudo isso é instantaneamente adotado pela grande mídia e imposto à população como se fosse uma verdade definitiva provada cientificamente. Quem realmente sabe o que é ciência sabe que a própria noção de verdade científica provada não existe. Se você tem qualquer teoria científica aceita hoje pode ser derrubada amanhã. A ciência tem de estar continuamente se corrigindo; se ela é uma aproximação experimental da realidade, não há verdade científica definitiva. Mas, a despeito disso, a noção de verdade científica definitiva é usada como instrumento legitimador dos processos legislativos; processos legislativos que, partindo de comissões internacionais no corpo da ONU, UNESCO, Organização Mundial do Comércio e da Organização Mundial da Saúde, refluem sobre os governos e são adotados de cima para baixo sem que tenha podido haver nenhuma discussão séria no corpo da sociedade. Então ficou muito fácil inventar novas verdades científicas e com base nelas inventar novas leis e mudar a estrutura objetiva da sociedade. Assim, você pode por esse meio controlar e limitar a vida de milhões de pessoas sem que possa haver a menor interferência da crítica racional. Esse é o mundo em que estamos vivendo hoje. É um mundo criado por vigaristas e charlatães que tiram as suas crenças do nada e as impõe. Ora, não é de se espantar que se as pessoas fazem isso, elas também acreditam que as religiões fazem a mesma coisa. Elas têm uma idéia de religião formada à sua própria imagem e semelhança. Se as pessoas podem inventar, por exemplo, algo como o fumo passivo e impô-lo às multidões através dos meios de comunicação (você acende um cigarro aqui e o sujeito já está morrendo lá do outro lado da sala), não é de se estranhar que essas mesmas pessoas imaginem que as religiões também tenham sido criadas assim. A diferença é que no tempo em que surgiram o cristianismo, o judaísmo, o hinduísmo etc. não existia a mídia organizada e não havia nenhum meio de você impor uma crença organizada do dia para a noite. Para que as crenças se impusessem, elas tinham de se disseminar ao longo de um tempo extraordinariamente longo passando por todos os testes de realidade que poderiam induzir a sua completa rejeição, mas hoje não é necessário um teste de realidade, só a mídia basta. Ora, faça uma lista de todos os jornais e canais de televisão existentes no mundo e você verá que tudo aquilo pertence a cinco ou seis proprietários. Basta você persuadi-los e você terá a mídia mundial à sua disposição para implantar a besteira que você deseja. O processo de chegar a conclusões foi muito abreviado, portanto, o processo legislativo também. Esses camaradas da ONU, UNESCO, Organização Mundial do Comércio e da Organização Mundial da Saúde são todos idiotas enfurecidos - disso não tenho a menor dúvida. Eles inventam qualquer coisa, dizem o que lhes dá na cabeça e ainda acreditam que estão no comando do processo histórico. Não estou no comando coisíssima nenhuma. Esse negócio de centros controladores é bom para o Armindo Abreu acreditar; para mim há centros de interferência mas que não decidem o curso dele. As coisas têm efeitos que transcendem a

capacidade de cálculo desses indivíduos. Por exemplo, faz tempo que as pessoas têm essa idéia de Nova Ordem Global (nos anos cinqüenta já estava tudo montado), mas se disséssemos a elas que o primeiro efeito que elas teriam com isso é uma ascensão brutal de uma reação islâmica capaz de derrubar tudo, elas não acreditariam. Elas não contavam com isso, e no entanto a coisa está acontecendo.

Essa idéia pueril do que seja ciência foi moda mais ou menos no século dezanove e, nessa época, existia uma ideologia que hoje chamados de cientificista, na qual as pessoas acreditavam que a ciência experimental tinha o domínio completo da realidade objetiva. Quando o século terminou, havia um químico francês chamado Marcel Berthelot que dizia que a ciência já havia conseguido descrever o essencial da estrutura do mundo e que para o século seguinte só faltava calcular umas decimais restantes para chegar à visão científica completa. No entanto, dez anos depois a teoria da relatividade e a teoria quântica estouraram o que Berthelot havia dito. É curioso ver que mesmo depois disso ter acontecido e mesmo depois de cem anos da chamada crise de fundamentos da ciência física, que é a ciência mais desenvolvida que existe, ainda tem gente acreditando que a ciência domina a constituição objetiva do mundo. E, dentre esses cientificistas, muitos deles casam isso com uma ideologia liberal, ideologia de livre mercado. Então temos aí o fenômeno desses liberais materialistas que acreditam em um monte de bobagens que já foram desmentidas ao longo do próprio século vinte. A segunda metade do séculos dezanove foi da ascensão da ideologia materialista e a primeira metade do século vinte já destruiu tudo isso. O que apareceu de ciência e filosofia na primeira metade do século vinte já era suficiente para que o cientificismo desaparecesse para sempre. O que acontece é que de repente toda essa produção da primeira metade do século vinte é esquecida. Não é que houve uma discussão e essa produção foi refutada; simplesmente saiu do programa e as pessoas não a conhecem mais. Se você procurar um aluno de filosofia hoje, não só no Brasil mas até na Europa, que conheça bem os filósofos até a primeira metade do século vinte você vê que o conhecimento deles é muito deficiente. Na última vez que estive na França procurei um livro do Louis Lavelle em livrarias e não encontrei. Não encontrei nem um livreiro francês que soubesse quem era Louis Lavelle, que foi simplesmente o maior filósofo francês dessa etapa. Você também não acha no Brasil algum professor de filosofia que tenha lido Marx Scheller, por exemplo. Como tudo isso sumiu, fica fácil retomar as mesmas idéias já desmoralizadas e acreditar piamente nelas. Hoje levei até um susto porque recebi na internet um artigo de um rapaz chamado Rodrigo Constantino em que ele pegou uns escritos de Voltaire sobre a Igreja e disse neste artigo que Voltaire provou historicamente que a Igreja acabou. Como é possível tanta ignorância? Como é possível alguém ainda acreditar numa bobagem dessa? Não há um historiador que não saiba que tudo isso já foi discutido e que a obra de Voltaire já foi desmoralizada.

Muito bem, quando abandonamos todo esse folclore jornalístico, esquecemos por um minuto essa porcaria de sociedade e decidimos tratar as coisas como estudiosos sérios – não interessa o que estão dizendo, o que interessa é o que é realmente -, vamos ver nos textos e legados das religiões qual é o seu objeto, do quê elas estão falando afinal de contas. Aí descobrimos algo espantoso: primeiro, no que diz respeito à estrutura do mundo objetivo há pouquíssimas diferenças entre as várias religiões. Todas elas estão mais ou menos baseadas na compreensão estrutural da realidade, que é sempre a mesma. Segundo, o assunto que as religiões tratam não tem nada a ver com crença mas com a estrutura do mundo na sua totalidade. Terceiro, o que as religiões dizem sobre a estrutura do mundo é o fundamento de toda racionalidade humana inclusive científica. Se você retirar o que as religiões descobriram a respeito da estrutura da realidade, as ciências caem junto com elas. O que estou dizendo a vocês é que a doutrina ontológica e metafísica mais ou menos embutida nas religiões (que constituem a sua estrutura interna descontadas as diferenças dogmáticas) é o fundamento das ciências, se é que elas podem ter algum fundamento. Quando digo que a ciência não tem autoridade de impugnar a religião não é porque são domínios separados mas a ciência está incluída dentro da religião e não faz nenhum sentido sem ela. Estou usando a expressão religião no sentido mais amplo da coisa, no sentido da doutrina total, não apenas naquelas partes que são artigos de fé que diferem de uma

religião para outra. Quando eu digo que o objeto das religiões é o objeto da realidade como um todo, um dos elementos fundamentais dessa doutrina que é mais ou menos igual em todas as religiões é a noção do infinito. É fácil perceber que sem a distinção de finito e infinito e sem a idéia de gradações de infinitude nenhum raciocínio científico de espécie alguma é possível. Podemos começar essa investigação partindo desta obviedade. A noção do infinito está presente em todas as religiões e está também embriada em toda a cultura contemporânea inclusive a científica. Se você tirar isso debaixo o resto fica todo sem sentido. Normalmente quando falamos em infinito o pessoal forma uma idéia quantitativa (de série infinita), mas uma determinada série infinita não é a mesma das outras séries. Isso já prova que ela não é realmente infinita a não ser sob certos aspectos. a série dos números inteiros não é a série das figuras geométricas nem a série dos seres existentes ao longo do tempo. Ela é apenas uma série e, portanto, não pode ser infinita. Ela está limitada lateralmente. Mesmo considerando-a em linha reta ela não é infinita. Ela é o que os escolásticos chamavam de *infinitum secundum quid*, ou seja, infinito sob certos aspectos. Podemos dizer que é uma série indefinida no sentido de que ela não tem fim. Agora, a idéia de série também pressupõe a sucessão, mas além da sucessão também existe a coexistência. Se você pegar todas as séries infinitas (ou séries indefinidas) existentes, ainda assim você não teria o infinito porque além das sucessões seriais há também as estruturas coexistentes que são independentes da continuação da série. Mesmo juntando todas as séries e coexistências infinitas ainda assim você não teria o infinito porque além da ligação serial e da ligação estrutural existe uma série de ligações transversais que ligam os elementos uns com os outros, e essas ligações são também de número ilimitado. Até aqui estamos tentando captar a noção de infinito de uma maneira quantitativa. Eu falei das séries infinitas, das coexistências infinitas, das ligações transversais e infinitas – tudo isso considerado do ponto de vista quantitativo. Se nós pegássemos todas as quantidades existentes, ainda assim não teríamos o infinito porque faltaria as qualidades não quantificáveis. Ora, então só podemos definir o infinito como o conjunto de tudo aquilo que existiu, existe, existirá e pode existir. O infinito é definido como aquilo que não tem limites de espécie alguma. É fácil perceber que o infinito não é questionável – se o infinito não existe nada mais existe. Se não existe o conjunto daquilo que existe, como podem existir as coisas existentes? A necessidade absoluta do infinito é a constatação inicial onde começa todo e qualquer conhecimento humano. Qualquer pessoa com QI superior a doze é capaz de fazer e pensar nessas distinções, mas as pessoas simplesmente não pensam no assunto e acabam confundindo uma série com outra série, uma série indefinida com o infinito, tomando o infinito no sentido apenas quantitativo e criando uma confusão dos diabos. Toda e qualquer descrição da realidade se baseia num conjunto de esquemas racionais cuja base principal é a noção de infinito, identidade, eternidade e tempo etc. Tudo isso é o conjunto dos conceitos fundamentais sem o qual não existe ciência de espécie alguma, e todo esse conjunto foi colocado à disposição da humanidade pelas religiões. Se você tirar esse substrato a ciência apenas bolha de sabão (palavras ocas pronunciadas por idiotas que não sabem do que estão dizendo). Se os “conhecimentos” obtidos pela ciência não são enquadrados dentro da racionalidade humana geral, eles não significam nada, são apenas sonhos, símbolos ocasionais surgidos na mente de um louco etc. Se você diz que a ciência tem um fundamento racional então você tem de saber o que é a razão. Quando se fala de razão as pessoas pensam apenas na capacidade lógica de raciocínio, capacidade de fazer silogismos. A capacidade de silogismos é uma série: premissa maior, premissa menor, conseqüência, essa conseqüência por sua vez serve de premissa para outro raciocínio, ou seja, o raciocínio lógico é linear e, portanto, ele é uma série entre inumeráveis outras. Por exemplo, a seqüência dos números inteiros pode ser descrita como uma seqüência silogística: o primeiro número é a premissa maior, o segundo é a premissa menor e o terceiro é a conseqüência. Pode-se descrever assim, mas isso é apenas uma analogia que estou fazendo. Isso quer dizer que a seqüência dos silogismos é apenas uma série possível e nós acabamos de ver que as séries são infinitas. Ora, se a razão humana consistisse apenas na capacidade silogística nós não teríamos capacidade de apreender racionalmente as demais séries, por isso prefiro definir a razão como o senso de totalidade e proporção entre as partes, ou seja, o senso de totalidade organizada

é a razão, como a capacidade que temos de organizar a realidade de uma maneira organizada e até de inventar estruturas que tenham uma organização interna. A lógica é apenas uma dentre as inúmeras expressões possíveis da razão. Se todo ser humano tem a capacidade lógica é porque também tem o restante das capacidades racionais, ou seja, tem a razão como um todo. Ele tem o senso de unidade, totalidade, proporção, organização interna etc. Qualquer pessoa que tem esse senso pode perceber facilmente que esse conjunto se baseia numa série de conceitos primários entre os quais o finito e o infinito são logo os primeiros da fila. Se você fizer um estudo abrangente não só das religiões mas das criações culturais que elas originaram, inclusive as filosofias e ciências, você vai ver que tudo isso está baseado num conjunto de esquemas fundamentais, como por exemplo a noção de infinito que garante alguma relação entre o que estamos pensando e a realidade externa. E, de fato, todos esses esquemas já estavam prontos milênios antes que surgisse a tal da ciência moderna. A ciência moderna é apenas uma aplicação muito limitada ao conhecimento de certos aspectos da realidade que são mais suscetíveis de uma investigação estável, quer dizer, áreas onde observa-se a repetição de certos fenômenos onde você pode fazer um cálculo estatístico e chegar a uma previsão mais ou menos adequada (não digo nem acertada). Então, quando dizem que a ciência desmente a religião, o máximo que as pessoas concebem atualmente é que a ciência e a religião são domínios separados e portanto uma não pode opinar sobre a outra nem a outra sobre a uma. Esse argumento é falso. A ciência e a religião são um domínio só no qual a religião fornece os fundamentos e a ciência os aplica a um determinado setor da realidade. Quando digo que a ciência não pode opinar sobre a religião não é porque elas são domínios separados, mas porque a ciência depende da religião. Não desta ou daquela religião em particular mas desse conjunto de princípios universais – aquilo que Mário Ferreira dos Santos chamava de *maseses*; *maseses meguistes*, ou seja, o ensinamento supremo. O ensinamento supremo consiste desses conceitos de base, como unidade e diversidade, unidade e diferença, antes e depois, infinito e finito etc. Não existe nenhuma ciência que possa por métodos experimentais criar essas coisas, e, no entanto, todas elas se baseiam nesses mesmos conceitos de base. A ciência é ensinada não a partir dos seus primeiros fundamentos cognitivos mas a partir de um protocolo de métodos que já estavam mais ou menos convencionalmente admitidos. Ela é apenas um conhecimento técnico que até um macaco consegue fazer. Um macaco é capaz de fazer pesquisas científicas se você programar o cérebro dele para isso. A ciência é por natureza uma atividade intelectual menor, derivada e dependente de um conjunto de conceitos sob os quais ela não tem domínio nenhum. O que você faria se tivesse de fazer uma ciência experimental e estudar A Teoria da Evolução sem poder usar o conceito de identidade e diferença, antes e depois, anterioridade e posterioridade, dentro e fora? Esse trabalho seria impossível. Qualquer cientista que diz que a ciência impugna a religião ou é uma autoridade perante a religião é um cretino de marca e não tem a menor idéia do que está falando. Qualquer estudante de filosofia tem a obrigação de saber disso; obrigação de saber que todos esses conceitos básicos da racionalidade humana já estavam estabelecidos pelas religiões milênios antes que surgisse até a filosofia. Esses conceitos já foram dados desde a revelação hindu, a religião egípcia e desde o culto do homem de neandertal. Os fundamentos da racionalidade humana estão colocados num nível de certeza e solidez que nenhuma ciência pode jamais alcançar porque toda ciência não é senão a aplicação desses conceitos ao estudo de determinados fenômenos. Você poderia fazer ciência sem a lógica, por exemplo? Não, porque a lógica é a mesma coisa que a aritmética elementar e se você suprime a aritmética elementar a ciência acaba. Agora, quais são os fundamentos da aritmética elementar? São esses mesmos que estou dizendo: o conceito de identidade e diferença, dentro e fora, inclusão e exclusão etc. Toda essa armadura básica da racionalidade humana foi dada pelas religiões e é disso que elas estão falando. Só de você pensar que há um confronto entre ciência e religião já significa que você não sabe o que é uma coisa nem a outra. Quem aceita os debates entre ciência e religião durante um minuto já é um cretino, pouco importando se é materialista científico ou religioso. Aceitar os debates nesses termos já quer dizer que você não sabe do que está falando. Por volta dos anos quarenta a consciência disso que estou lhes dizendo era compartilhada por toda a intelectualidade européia, e de repente

isso sumiu. Até as pessoas tidas como inteligentes e cultas continuam discutindo ciência e religião no mesmo sentido que Ernest Haeckel discutiria no século dezenove. Eu fico alarmado quando vejo essas coisas porque a capacidade de esquecimento que a humanidade tem é infinitamente superior à sua capacidade de aprendizado. Esse nível de discussão intelectual que a humanidade europeia havia alcançado numa geração foi totalmente apagado na geração seguinte e as pessoas agora estão aí recomeçando do zero e acreditando que são as pioreiras do conhecimento. Participar de qualquer discussão científica sem ter uma idéia muito clara das origens e fundamentos históricos dela é coisa de caipira. Eu faço um teste com qualquer sujeito da ciência que começa a falar de método experimental e pergunto a ele se ele tem idéia de que isso o que ele chama de método experimental é a dialética de Aristóteles. Se ele não sabe do que estou falando o papo acaba aí porque ele é um cretino e não tem idéia de onde surgiram as coisas. Ele está usando todo aquele material que lhe foi dado pelas escolas sem saber de onde aquilo saiu. É uma espécie de fetiche. O sujeito pensa que tudo isso nasce em árvore, como se ninguém tivesse de pensar, descobrir e fundamentar isso. É como um indivíduo que é capaz de usar um automóvel sem ter a menor idéia dos fundamentos de motor e explosão. De fato, o sujeito pode usar esse automóvel mas ele não o domina porque se o carro quebrar ele não saberá consertá-lo. Sendo assim, o cara é um caipira e estará sempre dependendo dos outros.

Cá entre nós, eu acho que o direito a livre expressão de opiniões tem de ser proporcional ao direito que você tem de não ouvi-las. Se todas as pessoas forem obrigadas a ouvir as opiniões alheias nenhuma discussão será possível, então é evidentemente necessária uma seleção. Mas quais são as pessoas em que prestaremos atenção? Para mim o critério é o seguinte: só o conhecedor do status quaestionis tem o direito de opinar publicamente com alguma autoridade. Status quaestionis é o desenvolvimento histórico da questão discutida até o ponto em que o sujeito entrou na discussão. Se o sujeito não conhece o status quaestionis ele é um palpiteiro que entra numa festa e começa a dar palpites a esmo totalmente deslocados do contexto. Hoje em dia todos os opinadores da grande mídia – todos, sem exceção – são ignorantes e não têm o menor conhecimento do status quaestionis. Pior ainda, nem sabem que ele existe, não sabem quais são os antecedentes da questão no qual estão discutindo. Admitir que essas pessoas opinem em público é um crime, estelionato, vigarice. Elas não têm o direito nenhum de expressar suas opiniões e sim de guardá-las para si. Eu guardo para mim as besteiras que penso. Quando vou dizer algo para vocês procuro sempre dizer melhor do que a minha cabeça produziu. Agora, a minha cabeça produz um monte de besteiras como a cabeça de todo mundo, só que o que é besteira eu jogo na privada. Esses caras pegam exatamente essas besteiras e colocam na mesa como quem diz “mamãe, olha o que eu fiz!”. A obra inteira de Richard Dawkins, por exemplo, é isto. Quem gosta, pode achar divertido, passar a mão na cabeça do moleque, dizer até que ele é muito inteligente e até dar um dinheirinho, docinho ou pirulito de brinde. Mas tudo isso é de uma degradação humana sem fim.

Se vocês entenderam esse negócio do infinito vocês também entendem que nenhuma quantidade por maior que seja é infinita. Em meu livro O Jardim das Aflições tem um capítulo inteiro sobre isso. A confusão entre os “materiais” finitos e infinitos começa por volta da Renascença, e eu assinalo ali especialmente a obra de Nicolau de Cusa, onde ele pega uma série de atributos divinos, como a infinitude, e a aplica ao mundo material chegando a uma série de conclusões estapafúrdias que contituem para ele uma lógica paradoxal que em seguida ele aplica ao estudo de outros assuntos. Falando em lógica paradoxal, hoje em dia as pessoas falam muito disso, o que eu acho muito engraçado porque se você faz uma lógica paradoxal, como você sabe que ela é paradoxal? Você só sabe que ela é paradoxal porque se baseia numa aplicação inversa ou diferente da lógica de identidade e, sendo apenas isso, ela não é uma outra lógica - é somente a aplicação de uma lógica pré-existente. Isso é o mesmo que dizer que não existe lógica paradoxal nenhuma, e sim uma lógica de identidade ou uma série de aplicações em desenvolvimento que podem levar a resultados paradoxais. Isso é algo que as pessoas tem de saber por instinto, sem que eu precise explicar, e no entanto o *stabilishment* universitário está cheio de pessoas acreditando piamente que lógicas paradoxais existem quando ao mesmo tempo que dizem que

elas existem ele já está dizem que ela não é realmente uma lógica mas apenas uma aplicação paradoxal da lógica de identidade sem o quê ele não poderia saber que é paradoxal. Não é simples? Depois que eu expliquei é simples mesmo. Toda grande idéia fica fácil depois que você descobriu, afinal, depois que o leão morreu é fácil tirar fotografias ao lado dele. Estamos numa época em que lógicas paradoxais viraram uma verdadeira mania e ninguém percebe que elas não são isso e que são na verdade aplicações paradoxais às quais a lógica de identidade pela sua própria natureza dá origem. Quando você encara o desenvolvimento lógico sob o ponto de vista dialético em vez de puxar das premissas o desenvolvimento linear que é próprio da lógica, você supõe outras premissas e automaticamente puxa uma aplicação paradoxal. Se eu digo, por exemplo, que um é igual a um, eu tenho que pensar imediatamente em como seria se não fosse. Os seres humanos sempre têm capacidade de pensar “e se não fosse assim?”. O que aconteceria se um fosse diferente de um? Isso quer dizer que o sinal que você usou para designar o primeiro um designa uma coisa e o segundo designa outra coisa. Você está tendo uma identidade de símbolos para designar uma duplicidade de significados, o que quer dizer que com a lógica de identidade você raciocina em linha reta a partir da identidade não só dos vários elementos dessa série mas também da identidade do símbolo com ele mesmo. Se você parte para a lógica paradoxal terá de duplicar o número de símbolos e ao fazer isso você vai criando uma estrutura proporcional baseada na identidade de cada símbolo consigo mesmo. Se você disser que um é diferente de um, o signo que você usou para designar o diferente significa sempre a mesma coisa? A ausência de identidade dos elementos da série se aplica também aos signos usados para descrevê-los e aos signos conectores (igual e diferente)? Se você disser que sim você tem uma lógica paradoxal, se disser que não, tem outra lógica paradoxal. Experimentem isso numa losa e verão que na primeira série o primeiro um é o mesmo um, é apenas um signo repetido e que o significado de igual permanece constante. Se um é diferente de um você teria o mesmo símbolo com dois significados: 1a e 1b, por exemplo. Agora, nessa lógica paradoxal no qual um é diferente de um e portanto 1a é diferente de 1b, o 1a é igual a si mesmo ou também é diferente de si mesmo? Se você disser que sim, segue-se uma lógica paradoxal; se disser que não, segue-se outra. As pessoas não entendem isso porque todo o nosso ensino é baseado na idéia de transmitir técnicas que as pessoas possam usar e prestar pouca atenção nos fundamentos. O indivíduo aprende a fazer os cálculos mas não pergunta a si mesmo quais são os seus fundamentos. Ora, um sujeito que aprende uma técnica sem se preocupar com os seus fundamentos é apenas um profissional técnico como um mecânico de automóveis, não um cientista e muito menos filósofo. Um filósofo pode até não dominar muito bem as técnicas mas ele conhece os fundamentos dela.

No início da palestra o sr. disse que a ciência não consegue explicar forma e matéria. O sr. poderia explicar isso melhor?

Não preciso explicar, isso é simplesmente um dado da realidade. Nenhuma definição de matéria é possível hoje em dia. Sugiro que você leia o livro do Wolfgang Smith chamado *The Quantum Enigma*. Se existe uma teoria científica comprovada experimentalmente é a Teoria dos Quanta. Nunca houve nenhum experimente que a desmentisse. E, no entanto, quando você quer explicar como isso é possível você vê que o resultado dos Quanta é simplesmente acabar com a noção de matéria. Esse fenômeno quântico existe como conhecimento experimental, é um fato comprovado cuja concepção científica não existe. Os caras podem ter qualquer concepção. Você não tem uma teoria explicativa daquilo, tem apenas um fenômeno que foi observado e repetido inúmeras vezes. A confusão doutrinal no meio da física quântica já prova que você não tem fundamento nenhum para falar em mundo material como se fosse uma coisa óbvia e arquissabida. Por outro lado, as discussões que surgem em torno de evolucionismo e design inteligente são baseadas em absurdidades tão patentes que escapam à esfera intelectual dessas pessoas. Elas têm uma visão ginásiana do que seja ciência. Richard Dawkins, por exemplo, tem uma concepção

de ciência que eu tinha aos quatorze anos de idade. Ele não tem a menor idéia das complexidades que estão ali dentro.

Os conceitos que foram dados pelas religiões não são imanentes aos seres humanos, ou seja, apenas atributos das características da natureza humana? Se sim, não seriam as religiões então meras derivações do intelecto humano?

A pergunta é interessante mas a resposta é evidentemente não. O que ele quer dizer é que são estruturas do pensamento humano, não da realidade. Se você diz “natureza humana” você está fazendo um juízo sobre a realidade. Se os instrumentos lógicos que você tem não captam a realidade mas apenas as estruturas internas do seu pensamento, você não pode dizer nada sobre a natureza humana. O raciocínio kantiano é achar que as estruturas da nossa lógica são apenas estruturas do nosso pensamento e não captam a coisa em si. Eu já demonstrei em outras aulas que esse negócio de coisa em si é uma estupidez fora do comum. Quando uma pessoa diz que essas estruturas são apenas as do pensamento humano há de se supor que ela sabe o que é o pensamento humano. Pensamento humano é um dado da realidade e se a sua sentença apreende esse dado significa que a sua sentença tem algo a ver com a realidade, então não está limitada ao funcionamento imanente do próprio pensamento humano. Exercer o pensamento humano é uma coisa, olhá-lo como um fenômeno objetivo que existe no mundo é outra. É exatamente isso que você está fazendo ao perguntar se essas formas não são apenas atributos do pensamento humano. Todo raciocínio desse tipo que procura dizer que, por exemplo, o que você enxerga não é verdade porque você enxerga apenas com seus próprios olhos é pegadinha idiota, não é filosofia. Esse raciocínio supõe que a minha capacidade visiva só teria força de apreensão sobre a realidade exterior se eu visse com um olho no outro, o que é um absurdo total. Note bem, de onde estou vejo a turma na tela do computador, algumas pessoas presentes aqui e vejo tudo isso com meus próprios olhos. Eu só posso ver você dentro da minha perspectiva, o que não significa que ela é estritamente subjetiva (limitada para mim e só vale para mim) porque eu não tenho a capacidade de ver você fora da minha perspectiva, mas você não tem a capacidade de ser visto por mim fora dessa perspectiva. Essa limitação é minha e do objeto ao mesmo tempo. Por exemplo, quando vejo uma mesa, só a vejo por um certo lado, o que não quer dizer que eu esteja vendo a mesa em si mas apenas um aspecto fenomênico dela. A mesa não tem capacidade de exhibir todos os seus lados na mesma direção pois para fazer isso ela precisaria ser desmontada. A limitação da percepção humana é coextensiva à limitação que constitui a estrutura do próprio objeto. Qualquer índio de cinco anos de idade sabe disso, mas Immanuel Kant não sabe. O problema dos filósofos é esse: estão ficando burros. Eu não tenho a menor dúvida de que Kant era burro. Ele era muito talentoso sob certos aspectos, mas quando chega nos fundamentos ele não tinha a percepção que qualquer pessoa precisa ter imediatamente. Sobretudo, não tinha a reação básica de perguntar “e se não for assim?” ou “e se for o contrário?”. Todo o desenvolvimento do conhecimento humano vem da confrontação de contrários. Toda vez que você pensa em alguma coisa você tem de conferi-la imediatamente com o seu contrário. Kant tinha a obrigação estrita de pensar o contrário ao dizer que o universo exterior é constituído de estímulos anárquicos que a nossa mente ordena. Ele tinha a obrigação de pensar que a nossa mente é um caos que se ordena pelo modelo recebido do mundo exterior. E ele também tinha de entender que as duas coisas existem, as duas são dados da realidade. Às vezes é a sua mente quem organiza um conjunto de dados caóticos, às vezes é a sua mente quem está caótica e o mundo exterior lhe impõe uma ordem. Por exemplo, ao acordar e levantar da cama, é você quem cria a distinção do horizontal e do vertical? Se isso fosse uma criação do seu pensamento, bastaria você pensar que levantou e você já estaria de pé. Quando você se coloca fisicamente de pé não é uma operação do seu pensamento. Isso significa que ao levantar você se situa fisicamente dentro do esquema das direções do espaço que já estava lá, não foi você quem o inventou. Se isso fosse apenas fruto do seu pensamento você não saberia a diferença entre pensar que levantou e levantar efetivamente. Como é que Kant não percebe isso? Não percebe porque ele fica

embebecido na hora em que ele tem pensa que descobriu as formas a priori do conhecimento e não lembra de pensar em como seria se fosse o contrário. Pensar no contrário é a base da ciência porque ela é a confrontação de hipóteses. É claro que as formas a priori da percepção existem. Você tem uma estrutura de percepção que é independente dos objetos que você está percebendo. Os seus olhos são os mesmos e têm sempre a mesma estrutura independentemente de estar na sua frente uma vaca, um burro, um elefante ou uma formiga. Então, Kant não lembra de perguntar se o objeto não lhe impõe certas formas que ele não poderia criar ou se o objeto não tem limitações intrínsecas que contituem não limitações ou defeitos mas a sua própria estrutura objetiva. A resposta é evidentemente sim: existem as formas a priori e existem também as estruturas objetivas sobre as quais a mente humana não tem nenhum poder exceto de admiti-las e copiá-las. Neste caso, para que Kant acertasse, seria necessário que ele escrevesse outro livro invertendo tudo o que já escreveu n'A Crítica da Razão Pura. A sua pergunta está mais ou menos na tradição kantiana: todas essas estruturas são formas da mente humana, mas como é que você sabe o que é mente humana? E como é que você sabe a diferença entre o que é mente humana e o que não é se tudo o que você pensa e percebe é apenas um atributo inerente da própria mente humana? Se tudo fosse mente humana nós jamais saberíamos que existe alguma coisa que não é mente humana. O sujeito pode até insistir que tudo o que não é mente humana é apenas mais uma ilusão criada pela mente humana, mas como é que ele sabe o que é ilusão? Essas propostas filosóficas são impossíveis características nos últimos dois ou três séculos: o sujeito inventa um projeto filosófico que não pode ser executado de jeito nenhum e em seguida diz que executou. O projeto de Kant é totalmente inviável porque, por exemplo, se ele diz que o só o que conhecemos é um fenômeno e não a coisa em si, e em seguida escreve um livro, então esse livro é apenas um fenômeno e não um livro em si, e o que está escrito lá é apenas uma aparência fenomênica das palavras dele e não as palavras dele mesmo e, por sua vez, as palavras de Kant são apenas uma aparência dos pensamentos dele e não os pensamentos em si. Se é assim, para quê escrever um livro se eu não poderei conhecer o pensamento que esse livro expressa? O simples fato do sujeito escrever um livro desmente completamente toda a filosofia dele. Se a filosofia de Kant está certa, não dá para escrever livros ou pelo menos é inútil escrevê-los. Agora, se os objetos dos sentidos só são cognoscíveis na sua aparência fenomênica, o próprio pensamento humano é mais ainda.

Onde entram as religiões nessa explicação? Não consigo perceber.

É uma questão histórica. Todas essas doutrinas e conceitos estavam dados na simbólica das religiões milênios antes que surgisse a filosofia ou a ciência. A noção de eternidade, por exemplo, tal como está explicada no hinduísmo, no judaísmo etc. é um desses fundamentos. O infinito é um dos fundamentos de Deus já explicado nas religiões milênios antes que ocorresse a alguém a idéia de fazer filosofia ou ciência. Isso não é uma simples questão de opinião minha, é simplesmente um fato histórico que todos nós temos de aceitar. A estrutura básica da percepção humana da realidade já estava exposta nas doutrinas de todas as religiões antes que alguém resolvesse começar a pensar, e sem isso não dá para pensar. O que chamamos de ciência é apenas uma das muitas explicações possíveis dessa estrutura de racionalidade básica que já estava dada e fundamentada nas religiões há muito tempo. Qual é a possibilidade que uma ciência em particular ou mesmo todas elas em conjunto sendo apenas uma modalidade de conhecimento entre outras possíveis retroaja sobre os seus próprios fundamentos e usando os seus próprios métodos experimentais impugne ou confirme essas coisas? A ciência não pode impugnar nem confirmar, ela não tem autoridade nenhuma sobre isso; pelo contrário, ela é uma aplicação disso.

Os conceitos básicos de identidade anterior e posterior dentro o qual precisam ser descobertos e reensinados pelas religiões não são apreensíveis a qualquer ser humano?

Essa pergunta é puramente artificial. Em primeiro lugar, os conceitos básicos de identidade foram descobertos e ensinados pelas religiões. Em segundo lugar, esses conceitos são de fato apreensíveis a qualquer ser humano, mas não são apreensíveis e organizáveis no seu conjunto. Você sozinho não poderia refazer tudo isso de novo. Isso teve de ser percebido e exposto ao longo de muitos milênios e as pessoas que fizeram e perceberam essas coisas são de uma capacidade inteiramente anormal. O que você está perguntando é mais ou menos o seguinte: “para quê eu preciso da civilização se posso inventá-la novamente?”. Isso não faz o menor sentido. Você pode estar seguro de que nenhum elemento que compõe a cultura tal como a conhecemos seria possível sem essa base que foi estalecida ao longo de muitos milênios e este é o fio das revelações religiosas. Quando nós começamos a pensar no problema essa base já estava constituída pelas religiões. A hipótese de não precisar dela já que você pode construir tudo de novo é inteiramente artificial e forçada. As coisas na vida não são e nunca foram assim. Mais ainda, não é nem pensável que fosse dessa maneira. É a hipótese de Robson Cruse: você nasceu sozinho numa ilha sem nenhum legado anterior e sem uma língua (não esqueça que as línguas são do legado religioso também). As línguas, nas suas etapas iniciais, têm sobretudo a função ritual e o rito é a organização básica do espaço e do tempo – sem isso não conseguiríamos pensar. A própria idéia de calendário (de um ciclo de tempo) surge de dentro das religiões e não é apagável a posteriori. Você pode até prolongar algumas dessas descobertas e aperfeiçoá-las, mas apenas uma ou outra, nunca o conjunto. As religiões transmitem a estrutura básica do conhecimento humano. Elas criaram isso e você depende inteiramente disso. Não é possível que uma ciência pegue todos esses conceitos e os trabalhem de novo, nem mesmo a filosofia no seu conjunto pode fazer isso. Eu não estou discutindo teses, estou falando de realidades históricas. Talvez a História pudesse ter feito tudo isso de outro jeito, mas você não pode fazê-lo de outro jeito. O mesmo raciocínio que fizemos com relação ao infinito deve ser feito também com relação à eternidade. Eternidade não é senão o infinito dos tempos; é a ordem total de todos os seus momentos possíveis não só na sua sucessão mas nas suas inter-relações. Se o que aconteceu em um certo momento tem alguma relação com algo que aconteceu em outro momento, essa relação não faz parte da sucessão dos momentos mas está colocada acima deles. Portanto, a eternidade abrange não somente a sucessão de todos os momentos e também a infinidade de sucessões internas que podem haver dentro disso mas também o conjunto das relações entre os momentos. Com isso, Boécio definia a eternidade como a posse plena e simultânea de todos os seus momentos. Se a eternidade pode ser vista de duas maneiras – no sentido de totalidade e no sentido de agora -, fica fácil perceber que tudo o que aconteceu aconteceu num agora. Nada acontece antes ou depois de suceder. Você tem essa espécie de agora permanente que perpassa toda a sucessão dos momentos e os articula. A eternidade nesse sentido não é discutível ou questionável, do mesmo modo como o infinito também não é. Se não existe o conjunto de todos os momentos então não há momentos.

Se as relações criaram esses conceitos básicos, o homem que nascesse sozinho numa ilha deserta não teria noção de dentro e fora, anterior e posterior etc.?

Ele teria, como todo ser humano tem, a capacidade inata de vir a perceber essas coisas, mas se ninguém lhe der uma ajudinha ele não vai perceber. Veja, você só começou a discutir essas coisas depois alguém já estivesse te ensinado a falar, a andar etc. É muito fácil brincar de onipotente fazendo de conta de que sozinho faria tudo isso, mas isso é uma palhaçada. A vida humana não é concebível fora deste legado histórico, e no começo de todo legado histórico existe uma espécie de depósito misterioso que não sabemos como apareceu, que é o depósito dessas religiões. O que sabemos é que elas já nos deram toda essa estrutura pronta. Esse é um dentre muitos sentidos que você pode dizer que elas são relevadas, que não foram criadas ou inventadas porque essas invenções superam outras invenções que por sua vez superam outras e assim por diante indefinidamente. O fato é que esses sistemas aparecem repentinamente e aparecem prontos. Qualquer revelação religiosa desde o seu início já tem toda essa estrutura dada. Por mais

que você recue e procure as religiões mais “primitivas” você já verá toda essa estrutura lá, e é através dessas estruturas que surge a possibilidade da sociedade humana. A origem da História é um mistério, mas esse mistério não encobre a realidade mas a revela e torna a realidade apreensível. Quando você lida com a História real e efetiva você pode e deve perguntar se as coisas poderiam ter sido de outra maneira, mas, neste caso, você tem de perceber que isso é absolutamente impossível. Por exemplo, quanto mais você recua na noite dos tempos você não encontra uma só sociedade que não tivesse um sepultamento ritual dos mortos. Nenhuma sociedade pegava os mortos e simplesmente os jogava fora. Se esses sepultamentos não existissem não haveria possibilidade de um legado cultural transmissível. Se nada é retido do que já se passou, se nada tem um valor para a comunidade, nada será passado. O sepultamento dos mortos é um dos elementos que fornecem ao ser humano a possibilidade de compreensão de um tempo social. Por exemplo, hoje em dia dizem que há uma ciência histórica, mas qual foi a origem disso? Por que as pessoas começaram a querer ter história? Quando você recua você vê que a origem disso é sempre religiosa. Como você acha que surgiu a idéia de uma estrutura social, de uma organização da própria sociedade? Você acha que foi um macaco mais forte que bateu no macaco mais fraco e virou o chefe? Se fosse assim, apareceria a todo instante um macaco mais forte e a disputa do poder jamais pararia. Por que o poder se estabiliza? Simplesmente porque ele tem um valor ritual. Há muitas dessas explicações no livro *A Origem da Linguagem*, de Rosenstock. Agora, a percepção animal de antes e depois, dentro e fora etc. permite que você organize a conduta do seu organismo mas não permite o intercâmbio social. Nenhum animal pode combinar um encontro com um outro animal (“amanhã às tantas horas estamos aqui”). Embora o animal tenha a percepção de antes depois é impossível que ele consiga marcar um encontro com outro animal porque ele não tem a simbolização que permite o intercâmbio social. Portanto, um animal não tem a ação organizada coletiva. Ele pode ter condutas repetitivas em situações idênticas, como, por exemplo, leões se juntando para caçar zebras – elas sempre fazem do mesmo jeito. Existe uma certa articulação de conjunto mas só quando as zebras aparecem. A leoa não pode dizer a outra: “amanhã te encontro às tantas horas no depósito de zebras”. Quando as zebras aparecem cada leoa já mais tem ou menos o instinto de articular a situação, mas para isso não há uma combinação entre elas. O que quer que tenha de ser combinado é puramente humano.

O sr. poderia sugerir uma bibliografia sobre esse tema?

Há um livro muito importante sobre o tema do tempo chamado *O Tempo e a Eternidade* escrito por Ananda Coomaraswamy. Nesse livro, Ananda faz um estudo comparativo das doutrinas do tempo e da eternidade nas várias religiões e chega a conclusão de que as doutrinas são mais ou menos as mesmas. Você pode ler também o livro do Léo Schaya chamado *A Lei da Criação* onde ele faz o estudo das leis das criações nas várias religiões. Existem muitos livros sobre esse tema e esses mesmos que indiquei agora vão colocar você na pista de vários deles. E, evidentemente, sugiro também o livro *Ordem e História*, de Eric Voegelin. Você tem dois anos de estudos só com esses três livros. Estou estudando *Ordem e História* há anos e ainda não acabei – quando penso que entendi tudo sempre acho mais e mais coisas faltantes. Com relação ao infinito, há o livro clássico do René Guénon chamado *Os Princípios do Cálculo Infinitesimal*. Este livro é absolutamente indispensável para esse tipo de estudos que estamos fazendo.

Se você entendeu que eternidade não é um tempo sem fim (tempo sem fim é o que chamaríamos de perenidade que por sua vez é uma das possibilidades existentes dentro da eternidade), então você cai na doutrina do triplo tempo, onde existe o tempo, a perenidade e a eternidade. O tempo da perenidade é o tempo da narrativa mítica (histórias de deuses, anjos etc.). Espero que vocês tenham lido meus últimos artigos no *Diário do Comércio* porque eles fazem parte do ensino da filosofia e não são apenas uma especulação política quanto a realidade do momento. Outro dia uma moça me perguntou como eu explico a credibilidade, a autoridade

pública dessas ideologias revolucionárias cujo absurdo é parente e eu respondi que uma das investigações que se deve investigar é justamente a perda da noção de estrutura do tempo. Eu mesmo não sei reconstitui-la em seu todo, mas sei que é algo que acontece entre os séculos treze e desesseis sendo que no século desesseis o processo já foi mais ou menos consolidado e que para refazer essa história seria uma vida de pesquisas e sei também que essa perda acontece devido à pressão da situação política e religiosa do tempo onde várias comunidades religiosas escapam da noção tradicional e universal do tempo – esta mesma que acabei de explicar – e criam uma outra temporalidade fictícia. Em um desses últimos artigos expliquei que a doutrina sobre o tempo e a história que vigorava para toda a cristandade no ocidente europeu era mais ou menos a de Santo Agostinho. Ao perguntar a si mesmo qual era o sentido da existência histórica humana, Agostinho não chegou a outra resposta senão que não havia sentido nenhum porque há várias histórias de várias culturas separadas entre si que começam e acabam sem que você veja um elo de continuidade com as outras. Portanto, ela só adquire unidade a partir da idéia de que um interlocutor supra-humano que olhe aquilo no conjunto, ou seja, sem a idéia de Deus a história humana não tem unidade. Como Deus não está na história humana, Agostinho lançou a teoria das duas histórias humanas: a cidade dos homens e a cidade de Deus. A história da cidade de Deus é a história da salvação, é a história do destino eterno de cada ser humano e de todos eles na sua totalidade tal como aparecem aos olhos de Deus. A história da Igreja (história terrestre da salvação) se integra facilmente no plano da eternidade porque ela é exatamente o elo de tempo e eternidade; elo no sentido de que o tempo é constituído de uma série de momentos que passam, da chamada transitoriedade ou provisoriedade, daquele mote tão explorado pelos poetas de que tudo aquilo que passa está caminhando para a morte. É o tema de Heráclito do fluxo eterno das mudanças: o rio está passando e nunca mais passará por ali. Esse tema é universal e está sempre associado a uma melancolia sem fim, que é a melancolia da perda, mas para onde foi aquilo que passa e que cessou de existir? Ou a famosa pergunta de Françoise Vignon: “onde estão as neves de ontem?”. As neves simplesmente derreteram e não existem mais. Neste poema maravilhoso, ele se lembra de uma série de senhoritas que amou em seu tempo e pergunta para onde elas foram - elas derreteram e foram para a morte como as neves. Esse tema também aparece em Camões: “(...) tudo o que da vida passa está recitando a morte (...)”, ou seja, a vida é um poema recitado pela morte. Bem consideradas as coisas, existe a contrapartida disto. A contrapartida que aquilo que aconteceu pode cessar de acontecer, mas não pode desacontecer, não pode voltar ao nada porque do nada nada sai e o nada nada produz. O que quer que tenha acontecido está escrito na substância do ser de uma vez para sempre e não pode ser transitado. A partir do momento em que ele se manifesta e acontece efetivamente ele está integrado no corpo do ser de uma vez para sempre, ele não pode voltar para o nada porque ele nunca esteve no nada. Aquilo que aconteceu estava na possibilidade e se é uma possibilidade não é um nada porque o nada é aquilo que não tem possibilidade nenhuma. Se estava na possibilidade e aconteceu, acontecido está, não pode voltar ao nada porque nunca foi um nada. Se você entende que a eternidade é o conjunto simultâneo de todas as sucessões de momentos e do seu entrelaçamento, você entende que aquilo aconteceu está escrito na eternidade e não pode ser retirado dela. Isso é algo que no dia-a-dia a gente esquece, mas se não fosse isso a possibilidade de memória seria absolutamente nula. Se aquilo que aconteceu foi para o nada não pode estar presente dentro da memória humana porque o ser humano não tem memória do nada. Esse é o princípio dos princípios da filosofia de Mário Ferreira dos Santos – a diferença entre o nada e o alguma coisa. O princípio de Mário Ferreira dos Santos é que alguma coisa sempre existiu e não pode ter saído do nada. Aquilo que se integrou em alguma coisa some da escala do tempo mas não da escala do ser. O tempo é apenas uma dimensão interna do ser que diz respeito às coisas que mudam, nascem crescem e perecem. Você pode dizer todas as coisas que nascem, crescem e perecem, mas não pode dizer o mesmo do conjunto de tudo o que existe porque este último continua existindo, senão não seria possível sequer você perceber que as coisas perecem. Uma coisa que muda só percebida em função de outra que permanece, como por exemplo quando você anda: você se desloca, mas o chão não se deslocou com relação a si mesmo, ele continua no mesmo lugar. Você

pode usar várias exemplos e uma hora percebe que existe um conjunto que permanece dentro do qual se dão essas mudanças. Esse conjunto universal é a infinitude e eternidade: as duas ficam, as duas permanecem, e tudo aquilo que se passou dentro do tempo com muito mais razão se passou dentro da eternidade, só que no tempo ele passa como transitoriedade; no plano da eternidade, ele permanece. Isso quer dizer que é impossível eliminar a existência. Tudo aquilo que existe está dentro da existência como ser e, como tal, pouco importa se durou dois minutos ou três séculos porque uma vez acontecido acontecido está e jamais voltará para o nada. Isso significa que de tudo aquilo que constitui o transcurso da natureza humana, existem certas coisas que imitam certos arquétipos eternos e que são para o ser humano a vivência consciente da eternidade no tempo, mas também existem outras coisas que não significam nada perante a eternidade e só significam a sua própria supressão. Agostinho vê a História como constituída de duas histórias paralelas: a da sociedades materialmente consideradas que não tem nenhuma continuidade e a da eternidade. A história materialmente considerada é cortada pela morte, ou seja, todos os personagens da História vão morrendo e o que deles passa para a geração seguinte é só um pedacinho insignificante. Mesmo dentro da própria sociedade a continuidade consciente da História é mínima. No começo desta aula falei do esquecimento brutal de continentes inteiros do conhecimento. Esses continentes inteiros foram esquecidos dentro da sociedade humana; dentro dela não há continuidade, mas esses continentes existem como possibilidade permanentes e podem ser recurepados a qualquer momento que você decida fazê-lo. Agostinho diz que a História só tem sentido na sua totalidade como a história da salvação (a história perante a eternidade) e a outra história, que é meramente empírica, não tem continuidade. Essa continuidade é um fato empiricamente comprovável. Quando falamos em história da humanidade estamos usando uma figura de linguagem porque materialmente essa história não existe. A mente do historiador, aí no sentido kantiano, unifica isso, mas o critério unificante que ela tem é o critério da eternidade (é o único que existe). Perante a eternidade ou supratempo, todos os tempos podem ser vistos como simultâneos, o que quer dizer que a própria possibilidade de existir uma ciência histórica está baseada neste fundamento da eternidade. Se não existe essa referência à eternidade, a possibilidade de unificar a história humana é simplesmente nula. Ora, neste período de História considerado, o que aconteceu é que com o surgimento dos estados nacionais e modernos se desfaz a unidade do império medieval e à medida em que ele se desfaz, a ordem moral, legal, cultural vigente se desmembra e aí surgem imediatamente divergências enormes. Por exemplo, Maquiavel tinha uma ética do poder que contrastava de maneira tão brutal com o conjunto da ética dominante durante toda a época medieval que foi possível desenvolver num determinado lugar, Florença, uma espécie de ética própria, desconectada dos princípios seguidos nos países vizinhos. Isso é apenas uma amostra da fragmentação do universo moral e cultural medieval onde surgiu o problema da anomia; as pessoas não sabem mais o que seguir. É óbvio que existem milhões de critérios do certo e do errado, e numa situação assim começa a surgir corrupção, violência, banditismo, guerras, revoluções etc. No meio disso, alguns monges desesperados resolveram que era possível instaurar a ordem pela força, mas eles não pensavam apenas numa ordem política momentânea e sim em como resolver o problema de uma vez por todas, e para isso conceberam a idéia de implantar o reino de Cristo na Terra à ferro e fogo. Isso visava construir uma sociedade na qual não existisse mais aqueles males; não este ou aquele mal em particular mas todos os males. É como se fosse um paraíso na Terra visto como resultado do esforço humano, da ação humana. Uma vez alcançado esse estado de perfeição que duraria para sempre, obviamente não existiria mais a História como uma sucessão de guerras, crimes e sofrimentos, o que nos leva a um paradoxo: por um lado você tem um estado de permanência que imita a eternidade mas por outro lado esse estado está para ser obtido dentro da História e dentro da sucessão dos momentos. É um momento histórico que ficaria congelado pela sua própria perfeição e eliminaria a História. É fácil perceber que isso é contrário à própria estrutura do tempo porque consiste em dar os atributos da eternidade a um momento da sucessão histórica que é destinado a passar como todos os outros. Essa noção é absolutamente contraditória e até estúpida. Não haverá um momento de

percepção na História porque todos os momentos históricos passarão. Enquanto estivermos na Terra estaremos sempre no meio da imperfeição que tem contrapartida na eternidade, mas a eternidade continua sendo eternidade e o tempo continua sendo tempo.

Quando a Bíblia fala em juízo final, como é que é esse juízo final? São Paulo Apóstolo diz que entre o instante em que você morre e o instante em que você é transfigurado não ocorre tempo nenhum para você porque você não está em parte algum neste ínterim, você só existe na memória de Deus. Você foi cancelado e será restaurado na eternidade, não no tempo, e isso se passa sem o transcurso de tempo, é imediato e instantâneo. Isso deixa claro que o juízo final não é um dia que vai acontecer. Ele está acontecendo agora mesmo na eternidade, ou seja, tudo aquilo que você fez em vida fecha o seu ser no sentido de que você enquanto estiver vivo você pode mudar as suas idéias, conduta, etc., e na hora que você morre o seu ser acaba, fecha. Esse fechamento é simbolizado no cachão de difunto. O cachão de difunto tem seis lados justamente porque são os seis dias da criação e no sétimo dia Deus repousa e não acontece mais nada. Quando você fecha no cachão de difunto a sua vida tem uma forma final e acabada, e essa forma final e acabada é o que você é na eternidade. A interrupção do fluxo de transformações coloca você na eternidade instantaneamente. Se, ao contrário, você atribui a um momento futuro do tempo as características da eternidade, você está rigorosamente invertendo a estrutura da realidade. É como pegar o tempo como um fio e em algum momento cortá-lo dizendo que parou ali e tudo foi transfigurado na eternidade. A transfiguração da eternidade não acontece num momento futuro do tempo e sim a todo momento. De outro modo, não poderia acontecer de maneira alguma. Esses monges transformaram o juízo final num acontecimento histórico e deram a ele as características de perfeição e imutabilidade da própria eternidade e, com isso, eles destruíram estrutura de percepção do tempo. Essa percepção errada do tempo e das suas relações com a eternidade invadirá toda a cultura ocidental e criará uma série de filosofias do fim da História (fim dos tempos) prometendo um estágio de perfeição que seria então o “para além do fim da História”, o que é uma impossibilidade pura e simples. Ninguém tem o poder de parar o tempo. A humanidade não pode chegar a um estado em que os seus problemas estejam resolvidos; isso é contraditório com a própria existência temporal. Não haverá o fim do sofrimento, da transitoriedade e da injustiça porque tudo isso é inerente à vida temporal. E também não haverá o fim da luta contra a injustiça, o fim da busca da justiça, do bem, da santidade, do amor, da generosidade, etc, ou seja, não haverá o fim do bem nem do mal. Nós continuaremos vivendo dentro da estrutura humana que sempre vivemos. Agora, a nossa esperança está colocada na eternidade, não na Terra. A idéia de que não há necessidade de fazer o bem já que tudo vai para a eternidade e aqui na Terra vai continuar sempre a mesma porcaria não faz sentido porque fazer o bem faz parte da vida e é justamente esta vida que chegará a uma forma final no instante em que você morrer. O bem e o mal que você faz estão juntos na eternidade. A luta pelo bem não se destina a alcançar um estado social de perfeição mas a cumprir o destino eterno de cada um de nós. Esta é a percepção normal do tempo e está no fundo de todas as religiões. Agora, a perspectiva utópica do fim da História traz consigo também uma série de outras distorções da percepção. Se você imaginar o eixo entre tempo e eternidade como um eixo vertical e simbolizar o eixo do espaço como horizontal, como no simbolismo da cruz, você verá que a inversão da cruz de cabeça para baixo também troca as direções do espaço. Isso quer dizer que a sua visão do mundo físico também é alterada por essa modificação. Qual é a grande modificação que acontece? Aí aparece a idéia idiota de você explicar a totalidade do mundo físico por duas ou três leis abrangentes que englobam o mundo físico. Ora, o mundo físico pela sua própria infinitude material não é suscetível desse tipo de explicação final. Só é possível encontrar explicações parciais desde de que você compreenda que a visão científica e material que você tem do mundo abrange uma parte da realidade que está boiando dentro de uma infinitude que permanece misteriosa como sempre. Portanto, existem somente explicações científicas parciais (não finais) que têm a sua validade condicionada a estrutura de racionalidade que mencionei no início desta aula, a qual por si mesma lhe ensina que o infinito não é abarcável e que o que quer que aconteça dentro do finito estará sempre boiando em uma atmosfera do

infinito que estará continuamente entrando dentro do finito e iluminando o processo, mas que isso nunca vai terminar. Então, aí aparecem essas teorias como A Lei dos Três Estados de Comte, A Lei de Classes de Karl Marx e A Teoria da Evolução de Darwin com a pretensão totalitária de dar uma explicação de tudo. Também não é estranho que surgisse outra série de teorias baseadas na idéia de que a totalidade do processo vivido era inconsciente e que havia uma chave inconsciente e que o seu descobridor é o primeirão a relevar a humanidade perplexa. Daí aparece o Dr. Froid dizendo que tudo o que se foi vivido ao longo dos séculos foi um drama instintual desconhecido. Vocês pensavam que estavam lutando pela fé, pelo império, pelas idéias, pela democracia ou por Alexandre o Grande, mas não era nada disso, todos estavam enganados. Tudo isso era apenas a libido que estava ali forçando o ego e que tudo era esse drama desconhecido, e Froid é o primeiro a relevar o verdadeiro segredo da História humana. Logo depois chega Jung dizendo que tudo isso é um arquétipo do inconsciente coletivo; Benjamin Warf afirmando que tudo isso são apenas combinações linguísticas que manipulam a todos vocês; Foucault dizendo que tudo isso foi uma sucessão de epistemes que se sucedem e vocês são apenas palhaços falados pela linguagem. Há essa série de espertalhões revelando à humanidade o segredo último da História, as explicações últimas, como se tudo não passasse de uma enganação e eles são os espertinhos que revelam tudo. O número dessas teorias já prova que todas são falsas e que o que podem ter de verdadeiro é apenas um pedacinho que será articulado com todos os outros e neutralizado no fim das contas. A obra de Froid não tem importância nenhuma porque, por exemplo, não dá para articular a teoria dele com a mecânica quântica, que é um pouco mais comprovada do que a teoria de Froid. Esqueça a obra de Froid e trate da mecânica quântica porque isso sim pode ser de algum proveito. Esses dois tipos de teorias, a abrangente que quer fechar tudo e fechar a história e a revelação final que quer desvendar a trama são a teratologia mental da modernidade. É o conjunto das pretensões absurdas de idiotas megalômanos que acreditam ser capazes de apreender a realidade de um conjunto e ditá-la ao outros, evidentemente proibindo as perguntas que dissolvam a impressão de unidade e dos espertinhos que vêm com o desvendamento final da trama mostrando que todos os outros eram uns palhaços inconscientes que não sabiam o que estavam fazendo. Então eu vou precisar do dr. Froid para me explicar as coisas porque eu não entendi nada do que fiz. Júlio César ficaria surpreso se dissessem que ele estava agindo em função da luta de classes ou da libido porque, obviamente, pensaria que estava agindo para a glória e Roma e para a sua própria glória pessoal. Essas teorias impugnam o direito que os personagens históricos têm de explicar as suas próprias ações como se só fossem válidas as explicações que Froid ou Karl Marx inventaram depois. Froid e Karl Marx são dois cretinos, pretensiosos, loucos. Vejam, uma característica que distingue o pensamento moderno do antigo – e que creio já ter assinalado em outras aulas – é que as filosofias antigas de Aristóteles, Sto. Tomás de Aquino ou de Platão valem pelo conjunto, pela estrutura total embora tenham muito erros de detalhes. As filosofias modernas são exatamente o contrário: no conjunto são uma miséria mas têm vários detalhes aproveitáveis. Na Filosofia da História de Hegel, por exemplo, há trechos brilhantes mas no conjunto é tudo loucura.

Na noção de eternidade está implícita a noção de seqüência, ou seja, uma seqüência de momentos da eternidade que não terminam, certo?

Não, não é isso. As seqüências são internas à eternidade. A eternidade não tem seqüência nenhuma. A eternidade é o que não tem seqüência, é o conjunto simultâneo de todos os momentos e de todas as seqüências considerados também na sua inter-relação. “Seqüência da eternidade” não faz sentido. A eternidade é o eterno agora que abrange todas as seqüências possíveis.

O que Cristo quer dizer quando diz a São Dimas na cruz: “hoje mesmo estarás comigo na eternidade”?

Hoje mesmo termina a seqüência temporal das nossas vidas e a forma de tudo aquilo que somos e que já éramos na eternidade reconhece a si própria na eternidade.

Essa concepção de congelar a História é semelhante à idéia totalitária descrita em 1985 por George Horvel de parar a História no momento presente?

Perfeitamente. O totalitarismo como fenômeno político é o efeito imediato do totalitarismo teórico. Se você tem a explicação total e abrangente do processo histórico, você é o dono dele. A autoridade do seu conhecimento universal e abrangente se torna automaticamente autoridade política, só que nenhum pensador da antigüidade jamais pensou em ter esse tipo de autoridade. Eles não pensavam em ter uma explicação total da realidade mas tentavam ao máximo explicar um pedacinho. Uma característica das filosofias de Platão é que elas não podem ser reduzidas a uma única teoria, elas são muito complexas e têm contradições internas muito bem articuladas. Você não pode reduzir Platão à chamada Teoria das Idéias. A Teoria das Idéias é um estereótipo que resume a idéia de Platão. A Teoria das Idéias não explica a totalidade do mundo - ela é a teoria do conhecimento. Agora, a teoria de Karl Marx do processo histórico abrange todo o processo histórico e a teoria de Freud sobre a libido abrange todos os seres humanos e todas as suas condutas. Não há que você faça que não seja determinado pelo Id Ego e pelo Super Ego. Essas teorias são totalitárias no sentido de que pretendem abranger a totalidade quantitativa da realidade ou fornecer um princípio explicativo universal que são extrapolado para outros domínios, como por exemplo a evolução. Você começa a explicar a existência das espécies animais e acaba criando a psicologia evolutiva, a sociologia evolutiva ou até a cultura pela evolução animal. Esse idiota do Richard Dawkins aparece com a teoria dos mèmes que é obviamente um monte de informações que se propagam anarquicamente e tudo o que acontece acontece assim. Olha, eu não sei se tudo acontece assim, mas sei que essa teoria entra na cabeça das pessoas e as idiotiza completamente. Todas essas teorias abrangentes são absurdas por natureza. Só existe conhecimento abrangente só se for no sentido simbólico, ou seja, a abertura para o infinito, a abertura para a eternidade que não pode se cristalizar ou se condensar numa doutrina para você achar que isso é a verdade final. Essa abertura pode se condensar na doutrina religiosa porque a doutrina religiosa é simbólica e não se expressa de uma maneira material e científica. Quando você diz “creio num só Deus onipotente e infinito” você quer dizer que Deus é a própria infinitude e eternidade. Isso é uma abertura. Agora, a expressão “Filho de Deus” é uma figura de linguagem incompreensível, na verdade. Ela pode dar uma suposição dos seus múltiplos significados mas não fechar em um só significado determinado. Essa é uma expressão mito-poética que abre para a infinitude e não fecha. Só que Darwin não está usando metáforas ao dizer que as espécies animais surgem assim ou assado mas está dizendo que é assim mesmo. A coisa mais extraordinária da teoria da evolução é que se existe a evolução animal, ela existe ainda, ou seja, nós estamos evoluindo neste mesmo momento. Se esses processos levam milhões de anos, algum sinal deles dentro de uma escala menor, digamos de sessenta mil anos, deveria aparecer, mas por que não aparece? Porque a teoria fechou, já explicou tudo e nada mais pode acontecer além do que já foi escrito no processo evolutivo. Apesar de que essa teoria possa ter algum valor em ciência, ela se estraga totalmente na medida em que vira uma teoria totalitária e fecha tudo, e ainda acredita que tudo pode ser explicado pela evolução. Isso é uma estupidez. Na verdade, essa teoria apareceu como uma teoria esotérica, ela já existia na escola teosófica à qual pertenceu o avô de Darwin e ele não faz nada mais além de macaquear com a aparência de ciência aquelas pataquadas esotéricas do avô. A grande diferença não vai ser entre religião e ciência mas entre religião e gnosticismo. O que se fala de ciência hoje não é nada mais do que autoridade de certas seitas esotéricas que afundaram e que são realmente pseudo-religiões. Não há uma só dessas teorias que não possa ser rastreada até alguma fonte esotérica ou gnóstica.

Essa investigação abre para milhões de explicações possíveis. Existe um livro chamado *Le Temple de l'Homme* escrito por um arqueólogo polonês chamado Schwaller de Lubicz em que ele pega as proporções matemáticas do templo de Luxor e vê uma infinidade de conhecimentos científicos, inclusive superiores do que temos hoje já embutidos ali. Esse tipo de

fenômeno só é possível porque as religiões têm esse depósito do princípio estruturador. Elas não somente fundam as ciências no sentido histórico mas também as fundamentam no sentido lógico. Há mais ciências dentro delas do que as universidades modernas produzem, e isso com o tempo acaba sendo mais ou menos descoberto. Quando você vê, por exemplo, as técnicas de construção de catedrais que ninguém conseguiu explicar até hoje, você nota que as ciências antigas eram superiores às que temos hoje. Isso desaparece ao longo dos tempos porque a evolução da ciência no sentido material se baseia também no esquecimento. Não podemos esquecer do princípio de Jean Fourastié no livro *Les Conditions de l'Esprit Scientifique* em que ele diz que junto com a evolução do conhecimento existe a evolução do esquecimento e da ignorância e que seria preciso escrever uma história da ignorância. Eu sempre me interessei no assunto da história da ignorância porque pergunto a mim mesmo o que é perdido de uma geração para outra ou o que as pessoas sabiam e na geração seguinte se torna totalmente incompreensível ou é esquecido completamente. Por exemplo, nós vemos que toda a discussão em torno da física de Aristóteles foi exatamente isso: quando chega na entrada da modernidade as pessoas a rejeitam completamente por causa de um pedacinho que estava errado e não estudam o resto. Isso resulta em um atraso de pelo menos três ou quatro séculos na ciência e só no século vinte é que as pessoas descobrem que a física de Aristóteles não era uma física mas uma metodologia da ciência que já continha todas as sugestões daquilo que estamos fazendo hoje. Isso é um fenômeno de esquecimento e estupidificação. Sempre que você pensar na evolução do conhecimento nunca acredite que estamos no topo da evolução porque no fim a teoria da evolução consiste em dizer que toda a história cósmica se destina a criar o tipo maximamente evoluído que é o cientista-evolucionista. No fundo o que o sujeito diz é isso mesmo: “eu estou no topo da evolução e ninguém passará daqui para cima”. Isso é uma estupidez, e no entanto está embutida em cada linha que Darwin e seus sucessores escreveram independentemente de você saber se realmente houve ou não uma evolução animal. Também é característico de todas essas teorias que ao se alegarem teorias científicas e portanto limitadas experimentalmente ao setor da realidade, já começam a extrapolar para todos os outros setores e a legislar sobre tudo o que existe. Muito bem, se querem uma sugestão para continuar esses estudos, não esqueçam de ler o livro *O Tempo e a Eternidade* escrito por Ananda Coomaraswamy, que eu acho indispensável, e também o livro do René Guenón sobre o princípio do cálculo infinitesimal. O que quer que possamos pensar da ação e influência do Guenon no conjunto, algumas coisas que ele ensinou são de um valor extraordinário.